



Programa Teia: tecendo a teia da Agroecologia

Fábio de Oliveira Moreira¹
Marília Leitão Herdy²
Willer Araujo Barbosa³

¹ Graduando em Agronomia, Universidade Federal de Viçosa. fabio.ufv@gmail.com

² Graduanda em Agronomia, Universidade Federal de Viçosa.
marilia_herdy@hotmail.com

³ Professor, Universidade Federal de Viçosa. wbarbosa@ufv.br

RESUMO

Os objetivos do programa Teia consistem em consolidar projetos de extensão que compartilham uma concepção metodológica de extensão universitária, baseada na construção participativa do conhecimento, na atuação interdisciplinar e na relação com as comunidades e/ou movimentos sociais; em propiciar maior visibilidade a estas propostas, concepções e práticas metodológicas; em possibilitar a troca de experiências entre os atores dos projetos e promover a reflexão conjunta dos diversos temas que os compõem; em viabilizar a continuidade dos projetos através do financiamento de suas ações. A metodologia usada nesse programa busca integrar ações, construir redes/teias, usando técnicas que visem à participação equitativa de todos e todas, o resgate e valorização de conhecimentos e a síntese do conhecimento resgatado. Técnicas de diagnósticos, planejamento e monitoramento participativos são ferramentas utilizadas constantemente como forma de estímulo de reflexões críticas.

Palavras-chave: Agroecologia; Educação; Extensão universitária.

Introdução

A extensão universitária concebida como uma prática acadêmica que interliga as atividades de ensino e pesquisa, com as demandas dos grupos e movimentos sociais, deve, cada vez mais, constituir-se em espaço privilegiado de produção de conhecimento significativo para a superação da desigualdade e da exclusão social existentes. Considerando o potencial da comunidade universitária, a extensão torna-se um instrumento significativo de mudanças nas próprias instituições e nos espaços de inserção social. Nesse contexto, a consolidação dessas concepções associadas às



práticas e vivências agroecológicas desempenha um papel fundamental dentro das instituições de ensino. É nessa perspectiva que se insere o presente programa de extensão, Teia, que, além do significado para o desenvolvimento institucional da extensão da Universidade Federal de Viçosa (UFV), oferece também a possibilidade de consolidar um programa institucional em desenvolvimento. Os projetos vinculados a esse programa têm organicidade e atuam de forma transdisciplinar, como ampliação da concepção da interdisciplinaridade, nas diferentes áreas do conhecimento e com diferentes atores, cuja unidade se expressa na concepção de universidade e nas práticas e metodologias participativas de extensão.

Assim, o programa Teia busca articular diversos projetos de extensão desenvolvidos na UFV por grupos de professores, estudantes de variados departamentos — por exemplo, Economia Rural, Educação, Engenharia Florestal, Entomologia, Nutrição e Solos —, em parceria com diferentes grupos e movimentos sociais — o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e ONGs como o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata de MG (CTA-ZM). Os projetos inseridos são: 1) Agricultura Urbana; 2) Animais para a Agroecologia; 3) Apêti – Agroflorestal; 4) Articulação Regional das Escolas Famílias Agrícolas; 5) Segurança Alimentar; 6) Conhecer e Gostar dos Solos; 7) Cursinho Pré-vestibular de Paula Cândido; 8) Rede Raízes da Mata de Consumo Consciente; 9) Estágio Interdisciplinar de Vivências; 10) Ética e Cidadania do Cursinho Pré-vestibular Popular da UFV; 11) Viçosa em Transição; 12) Saúde Integral em Permacultura (Sauipe); 13) Grupo de Agricultura Orgânica e Agroecológica; 14) Grupo de Trabalho Água (GTA); 15) Mestres da Cultura Puri: uma experiência em arte e educação; 16) Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero; 17) Observatório Sociocultural dos Movimentos Sociais da Zona da Mata; 18) Padaria Comunitária Mãos de Fibra; 19) Projeto de Assessoria e Consultoria aos Atingidos por Barragens; 20) Tecendo Sonhos – Cursinho Pré-vestibular em Alternância de Espera Feliz; 21) Tecendo Sonhos – Cursinho Pré-vestibular em Alternância de Manhumirim; 22) Trabalho como Princípio Educativo nas Escolas Famílias Agrícolas; 23) Licenciatura em Educação do Campo; 24) Núcleo de Agroecologia e Educação do Campo; 25) Observaterra.

As ações desses projetos buscam a consolidação de processos de organização e participação comunitária, na medida em que visam à superação das atuais condições de desigualdade e de exclusão existentes na sociedade brasileira. São projetos que — na

busca do desenvolvimento de uma consciência ambiental, nas ações de inclusão social e na construção de novas propostas metodológicas, sejam elas no campo ou na cidade — têm como princípio o resgate e a valorização do conhecimento local e a formação profissional diferenciada de seus integrantes. E é justamente por compartilharem princípios comuns que compartilham também processos, práticas e metodologias semelhantes. Entre eles, a elaboração e o desenvolvimento das ações como uma construção coletiva com os parceiros, o que favorece tanto a legitimidade das demandas quanto a presença dos valores culturais próprios das comunidades e grupos. Aliás, o reconhecimento e a valorização das práticas sociais e dos valores culturais das comunidades no desenvolvimento das ações é que fazem com que a busca e o compartilhamento das reflexões e práticas ocorram em uma relação recíproca de ensino-aprendizagem, proporcionando efetivamente uma troca de saberes. Nesse sentido, é importante ressaltar um outro princípio comum aos projetos: a presença de uma atitude investigativa, em que a pesquisa da realidade, a capacitação dos envolvidos e a produção do conhecimento são dimensões inseparáveis e colaborativas da prática de extensão universitária. As ações do programa, orientadas pelos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa-ação, buscam a reflexão e a produção de um novo conhecimento, o que, por sua vez, permite uma nova compreensão da realidade e a qualificação para uma intervenção diferenciada.

O fortalecimento de uma teia que garanta sinergia a projetos que se articulam através de concepções, práticas e metodologias semelhantes é uma forma de promover relações entre diferentes saberes e diferentes atores que buscam a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável. A inserção e formação dos estudantes se dão a partir da vivência da realidade das comunidades. No desenvolvimento das ações, os estudantes exercitam a alteridade, essencial a uma concepção de trabalho que deixe cada vez mais de ser extensão e passe a ser comunicação (FREIRE, 2002), em que técnicas, propostas e decisões são construídas coletiva e colaborativamente, em um exercício transdisciplinar. Assim, agricultores e agricultoras desmistificam o saber acadêmico e se percebem também como detentores e produtores de valiosos conhecimentos, legitimando o seu saber.

A construção dessa teia traz embutida a troca de experiências e de saberes entre os participantes, tais como os apreendidos na luta pela reforma agrária, na formulação e proposição de modos alternativos de exploração dos recursos energéticos, de técnicas agrícolas e na elaboração e aprofundamento das questões ambientais junto às



comunidades escolares que assegurem a produção de alimentos saudáveis, em equilíbrio com o meio ambiente, e a cultura das populações rurais e urbanas. A questão energética, a questão agrária e a questão ambiental serão refletidas e melhor compreendidas por todos. A prática de uma agricultura mais harmonizada com a natureza será vislumbrada através da troca de experiências com os agricultores agroecológicos experimentadores de sistemas agroflorestais.

Dessa forma, a visão do campo se alia à visão urbana, para a reorganização das periferias, resgatando as identidades populares, buscando alternativas econômicas, melhor qualidade e condições de vida e soberania alimentar, como com a implantação de hortas em quintais, a exigência por produtos saudáveis e a construção de um mercado solidário. As comunidades apropriam-se de suas escolas e outros espaços de educação informal, para a constituição de uma educação do campo e das periferias urbanas que seja adequada às suas demandas e respeite a sua cultura e seus saberes. A população assim organizada comunga com grupos organizados da universidade e organizações não governamentais, e seus integrantes se educam, uns aos outros, em um exercício de percepção do ambiente que leva todos a buscar um equilíbrio entre preservação e utilização dos recursos naturais capaz de inverter a matriz tecnológica vigente.

Nesse sentido, ao trabalhar na perspectiva das diretrizes apontadas pelo Plano Nacional de Extensão (NOGUEIRA, 2000), a Teia constitui-se como um programa a) transdisciplinar, na medida em que congrega várias áreas do saber, entendendo que os problemas da realidade não se apresentam fragmentados ou disciplinares, evoluindo a concepção de interdisciplinaridade; b) que busca a interação colaborativa da sociedade, na medida em que se relaciona de forma não hierárquica com o saber das comunidades, das entidades parceiras, etc.; c) que tem um impacto social, na direção de superar as desigualdades sociais, visando o desenvolvimento regional, já comprovado nos resultados parciais que os projetos vêm conseguindo ao longo do tempo; e d) imerso na indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, colocando-se como um espaço de construção do conhecimento e de desenvolvimento de práticas e metodologias. Os programas têm como objetivos a) consolidar a articulação e integração dos projetos que constituem o programa; b) dar visibilidade às propostas, concepções e práticas metodológicas dos grupos envolvidos e; c) possibilitar a troca de experiências entre os atores dos projetos e promover a reflexão conjunta dos diversos temas que compõem os projetos.

Metodologia

A ciência moderna, com suas práticas, normas e pensamentos, vinha marginalizando a contribuição do conhecimento empírico, advindo da experiência prática, considerando-o inferior ou nem mesmo levando-o em conta (MARGLIN, 1991). Atualmente essa visão tem sido modificada. Tem crescido, entre os cientistas, o reconhecimento de que os dois tipos diferentes de saber podem oferecer contribuições complementares (LOADER e AMARTYA, 1999). Tem crescido também o entendimento de que é fundamental a construção de pontes entre os diferentes modos de entender, perceber e compreender a realidade vivida (MARGLIN, 1991). Com isso, ampliou-se o interesse na pesquisa-ação, em metodologias que facilitem a interação entre saberes distintos, nos trabalhos multidisciplinares e na construção de parcerias (CHAMBERS, 1997; CARDOSO *et al.*, 2001). O trabalho isolado certamente irá falhar em encontrar soluções relevantes e viáveis para os problemas locais (HINCHCLIFFE *et al.*, 1999). Ao contrário, o trabalho em parcerias tem as vantagens de aumentar a criatividade, a capacidade de perceber e reconhecer problemas e soluções inadequadas e oferecer uma visão mais completa da realidade (JOHNSON e JOHNSON, 1994).

A metodologia usada nesse programa busca integrar ações, construir redes/teias, usando técnicas que visem à participação equitativa de todos e todas, o resgate e valorização de conhecimentos e a síntese do conhecimento resgatado. Para tal, técnicas de diagnósticos, planejamento e monitoramento participativos (CHAMBERS, 1997; CARDOSO *et al.*, 2001) são utilizadas. As atividades desenvolvidas envolvem ações conjuntas entre professores e estudantes da UFV e os movimentos sociais. A escolha dos membros de cada projeto que participam das ações respeitam as decisões dos movimentos e a dinâmica dos projetos.

Para alcançar os objetivos, realizaram-se as seguintes atividades: encontros de integração e apresentação oral dos projetos e do programa Teia, bem como dos participantes dos projetos; várias oficinas/instalações pedagógicas de integração entre os projetos; reuniões semanais de avaliação e planejamento; realização de um diagnóstico participativo a partir de uma metodologia desenvolvida pelos grupos de Agroecologia da UFV, denominado Diagnóstico Agroflorestal Participativo (DAP), como forma de identificar nossas potencialidades e nossos desafios a partir de analogias com a dinâmica sucessional de formação de florestas onde os elementos da natureza, solo, árvores, sol, banco de sementes, etc. representam projetos e ações desenvolvidas como

forma de interações sinérgicas objetivando a estruturação do grupo. A metodologia utilizada para a realização de cada uma dessas atividades foi construída coletivamente, e, por isso, estas são apresentadas como resultados.

Resultados e discussões

Em novembro de 2012, iniciamos um processo de organização do programa Teia, que chamamos de *SER do Teia 2013*. Como base para essa organização, foi utilizada uma ferramenta metodológica de diagnóstico chamada Diagnóstico Agroflorestal Participativo (DAP). Essa é uma metodologia em construção utilizada para se obter o “retrato” de uma situação, de um projeto ou mesmo de um movimento como um todo. O embasamento teórico se vale dos princípios da Agrofloresta Sucessional e de elementos de metodologia Dragon Dreaming, desenvolvida por Jonh Croft. No primeiro momento, foi realizada uma instalação pedagógica sobre Sistemas Agroflorestais com o objetivo de compreender as relações de interação e cooperação entre os vários elementos da natureza. A partir dessa compreensão, um diagrama passou a ser construído, onde espécies vegetais ganharam uma ressignificação dentro do sistema.

Analogamente à dinâmica da natureza na formação de florestas, colocamos dispostos, montando uma verdadeira floresta, as plantas, o solo, os astros, os ventos e as águas representando os projetos, parceiros, instituições, ações envolvidas no processo a ser diagnosticado.

Para a montagem, foram utilizados cartazes e recortes de várias árvores e plantas menores como os capins e plantas espontâneas. Essas plantas possuem funções no sistema floresta, assim como nossas ações, projetos e parceiros possuem funções para o Teia e o movimento agroecológico como um todo.

Como o exemplo da bananeira, que produz frutos em abundância e de ótima qualidade, possui um ciclo rápido de produção, é fácil de ser manejada e tem alta capacidade de reciclagem de nutrientes, temos um evento periódico que possui qualidades análogas às da bananeira para seu respectivo contexto. A *5ª Agroecológica*, por exemplo, foi representada pela bananeira, pois é um evento simples, que não exige muitos esforços na maioria das vezes e é um ótimo espaço de formação e articulação, através de palestras, oficinas e relatos de experiências. Muitas vezes também cumpre o

papel de sensibilização e aproximação de novos participantes do movimento da Agroecologia, novos frutos.

Também foram representados pelo solo os movimentos sociais, a UFV, o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA) e a Casa 18. Ou seja, a base de todo o sistema montado está fisicamente no município de Viçosa e em grande parte na UFV. O CTA se faz um parceiro de grande importância que confere sustentação ao movimento, tanto com espaços de formação quanto com apoio à ações pontuais e parcerias em projetos. A Casa 18 abriga, hoje, três grupos de Agroecologia e funciona como uma sede de articulação, logo, constitui-se como base para muitos estudantes que buscam outra forma de entendimento da sociedade e encontram na Agroecologia ferramentas de transformação social. O trabalho de base e as vivências nos movimentos sociais contemplam a formação estudantil diferenciada.

Na perspectiva de norteamo das ações e organização, temos o vento representando o ensino, a pesquisa e a extensão.

Nesse ritmo de interações entre os projetos, ações conjuntas e movimentos vão formando a floresta, onde sempre há uma árvore que sombreia/cuida de outras plantas que virão no futuro e plantas que rapidamente passam por ali, assim como acontece na natureza. Depois de montado o diagrama, uma nova fase começa. As interpretações desse “retrato” vão servir de conteúdo para que os indivíduos possam sonhar com um futuro melhor que o presente. Esses sonhos são uma visão de futuro que esperamos se tudo como agente planejou desse certo e ainda melhor. É uma fase muito importante, pois o sonhar é uma poderosa arma contra o pessimismo e a desmotivação, é uma injeção de ânimo para alcançarmos nossos objetivos. Esses sonhos serão representados no diagrama pelas nuvens, que deixarão o tempo/clima nublado, não permitindo que o Sol forneça a energia necessária às plantas.

A partir dos sonhos, fica muito mais fácil pensar em ações concretas para desenhar o caminho para as soluções dos problemas anteriormente identificados. Dessa forma, são levantadas ações que desaguem das nuvens que estão nublando o céu e façam com que esses sonhos reguem nosso Sistema Agroflorestal (SAF).

A partir das ações elencadas, foram formados três grupos de trabalho; a) Metodologia e Sistematização; b) Estrutura e Logística; c) Articulação e Rede. Os grupos de trabalho começam a se encontrar semanalmente, fora das reuniões coletivas, às sextas-feiras, para desenvolver estratégias de sensibilização e fomento da Agroecologia.



Esse processo foi avaliado positivamente, pois contou com a participação de 15 pessoas, entre elas, professores, estudantes veteranos e novos integrantes recém-chegados à universidade, de forma horizontal, respeitando o ritmo e o momento de cada projeto/integrante, e foi possível perceber uma visão de futuro que serviu de estímulo para novos participantes e de renovação para os mais antigos. É também reconhecido o papel formativo dos estudantes como base para o aumento da resiliência do movimento como um todo.

Conclusão

Podemos afirmar que a metodologia coletiva de trabalho construída permitiu a integração das diferentes categorias e projetos, e assim de seus diferentes saberes, o que propiciou a capacitação de todos, de forma que as problemáticas e lutas ambiental, energética, agrária e urbana estão sendo mais bem compreendidas e conseqüentemente encampadas por todos. Além de conhecer forma, conteúdo e conceito uns dos outros, também tem construído uma relação horizontal, em que os diferentes saberes têm sido respeitados e relacionados, construindo uma identidade coletiva e apontando para a superação de limitações históricas da relação do saber popular e com o acadêmico.

Referências bibliográficas

ENCONTRO NACIONAL DO FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS. Avaliação Nacional de Extensão Universitária, 2001. Brasília MEC/SESu, 98 p. (Coleção Extensão Universitária; v.3).

CARDOSO, I.M., GUIJT, I., FRANCO, F.S., CARVALHO, A.F., FERREIRA-NETO, P.S., 2001. **Continual learning for agroforestry system design**: university, NGO, and farmer partnership in Minas Gerais, Brazil. *Agricultural system*, n. 69, p. 235-257.

CHAMBERS, R., 1997. **Whose Reality Counts? Putting the First Last**. Intermediate Technology Publications, London, UK.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, 12. ed.

FIRME, T.P., 2004. **Avaliação de programa e projetos em extensão**. Curso 11. 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. 3º Encontro Nacional de Avaliação Institucional de Extensão Universitária. 12 a 15 de setembro. Belo Horizonte, MG.

Johnson, D.W., Johnson, F.P., 1994. **Joining Together: Group Theory and Group Skills**. (5th ed.). Allyn and Bacon. Boston, MA.

LOADER, R., Amartya, L., 1999. **Participatory rural appraisal: extending the research methods base**. *Agricultural Systems* 62 (2), 73-85.



NOGUEIRA, M. D. P. (Org.), 2000. **Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas**. Belo Horizonte: PROEXTE/UFMG, 196p.

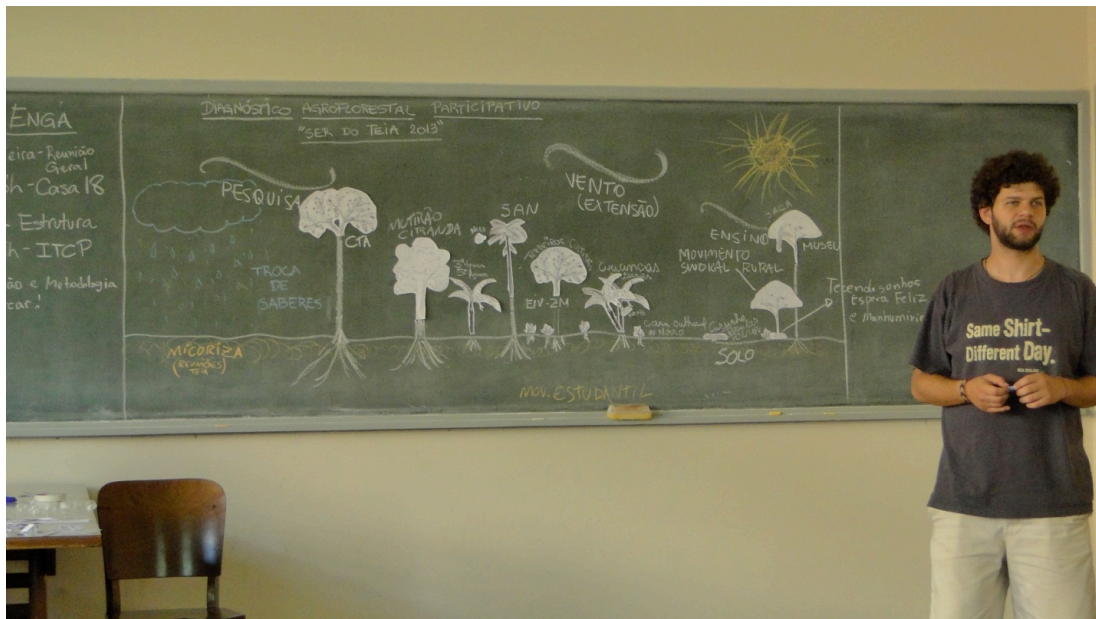


Figura 1 - Diagrama do Diagnóstico Agroflorestal Participativo (DAP) – 1º momento



Foto 2. Palestra sobre o programa Teia com professor Willer Barbosa